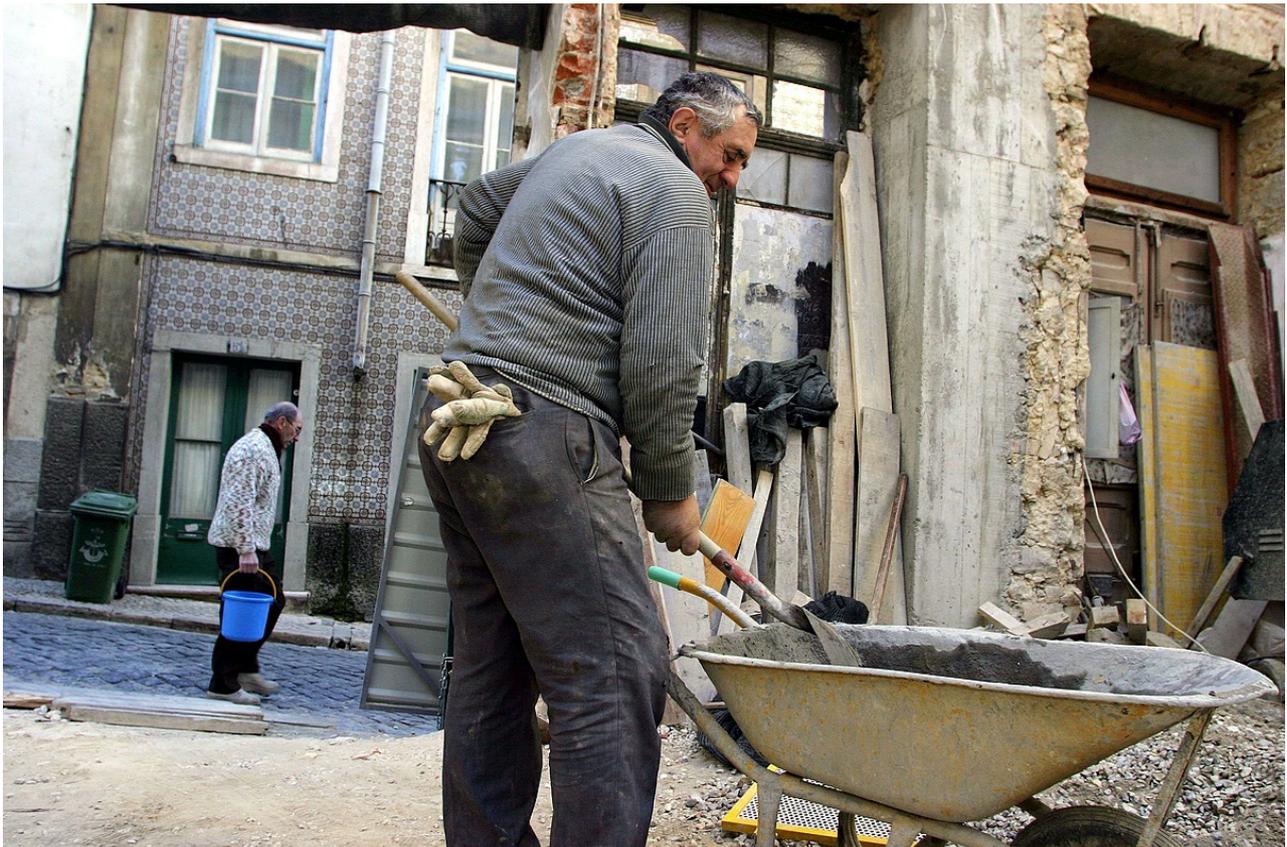


"Exceção na Europa"

mediendienst-integration.de/artikel/ausnahmeerscheinung-in-europa.html

Migração em Portugal 05.06.2020

Portugal faz campanha para refugiados e migrantes há anos. Por quê? Uma conversa com o cientista social português Carlos Nolasco.



Nos anos 90, muitas pessoas da Europa Oriental vieram para Portugal, principalmente da Ucrânia. A percepção obtida é de que Portugal não é apenas um país de emigração, mas também um país de imigração, disse Nolasco. Foto: dpa (imagem do ícone)

SERVIÇO DE MÍDIA: Nolasco, Portugal concordou em meados de maio em aceitar 500 refugiados menores de campos gregos. A mudança foi discutida no governo por um longo tempo?

Carlos Nolasco: Na verdade não. Em 2015, houve uma mudança de direção na política portuguesa. Enquanto o governo anterior tentava reduzir ao mínimo o número de refugiados, o Partido Socialista (PS),

social-democrata, que governa desde 2015, adota uma abordagem diferente. Eles anunciam a admissão de refugiados, mas também a migração em geral.

A sociedade parece apoiar isso. Pesquisas em toda a UE mostram que as pessoas em Portugal veem a imigração de forma muito menos crítica do que as de outros países. Como você explica isso?

Isso tem muito a ver com a história de Portugal como país de emigração e imigração. Tudo começou nos anos 50. Portugal estava empobrecido sob a ditadura de António de Oliveira Salazar. Vários milhões de portugueses deixaram o país, a maioria dos quais foi para a França, Alemanha e Suíça. Aldeias inteiras às vezes emigraram. A inversão de marcha ocorreu nas décadas de 1970 e 1980. As antigas colônias africanas, incluindo Moçambique e Angola, tornaram-se independentes. Somente em 1974 e 1975, mais de 500.000 pessoas vieram ao país, incluindo ex-colonos brancos, mas também negros. Alguns haviam trabalhado para instituições portuguesas no país, agora eram hostis e precisavam fugir; outros foram embora por razões econômicas. Na década de 1980, muitas pessoas vieram para Portugal do Brasil, nos anos 90 da Europa Oriental, especialmente da Ucrânia. Naquela época, também crescia a percepção de que Portugal não era apenas um país de emigração. Mas também um país de imigração.

CARLOS NOLASCO é cientista do Centro de Ciências Sociais (CES) da Universidade de Coimbra, onde é membro do grupo de pesquisa Humanidades, Migrações e Estudos da Paz (NHUMEP). Sua pesquisa se concentra na sociologia da migração, refugiados e sociologia do direito.

Após a crise financeira, houve outra reviravolta. Estima-se que várias centenas de milhares de portugueses deixaram o país entre 2011 e 2016.

Sim. E a emigração após a crise atingiu Portugal particularmente. Foram principalmente os jovens, bem educados, que partiram. Naquela época, eu mesmo estava ensinando enfermeiras em ciências sociais. Quase todos os meus alunos foram para o exterior para trabalhar depois de se formarem. Este desenvolvimento realmente não parou nos últimos anos. Acredita-se que cinco milhões de portugueses morem atualmente no exterior. O próprio país tem dez milhões de habitantes.

Além disso: Portugal possui uma das populações mais antigas do mundo e uma das mais baixas taxas de natalidade da UE.

Exageradamente perguntado: a atitude aberta em relação à migração é uma pura necessidade?

Não somente. Há alguns anos, houve um boom de construção em Portugal, onde eram necessários muitos trabalhadores do exterior. Isso já diminuiu. No entanto, a visão positiva da migração permaneceu. Uma pesquisa anterior da OCDE mostrou que 60% dos portugueses vêem a migração como positiva. Isso foi nos últimos anos, com pequenas variações. Eles vêem a migração não apenas porque contribui para o desenvolvimento econômico do país, mas também porque enriquece o país culturalmente. No sul de Portugal, por exemplo, muitas pessoas da Índia, China e Paquistão agora trabalham na agricultura. Eles são frequentemente bem integrados nas comunidades.

Isso contrasta com desenvolvimentos negativos . Em 2018, o Conselho da Europa criticou a infiltração da polícia portuguesa por extremistas de direita. Como isso se encaixa na imagem de um país favorável à migração, isso não é uma contradição?

Obviamente, também existem pessoas em Portugal que são céticas em relação à migração. E há racismo em Portugal também. O problema é que muitos portugueses não percebem o racismo como tal. A razão para isso é a ideologia do "lusotropicalismo", que circula no país desde a década de 1950. Naquela época, Portugal era um dos

últimos países europeus a manter suas colônias. O governo justificou isso alegando que a população colonial foi tratada melhor do que outras potências coloniais. Claro, o colonialismo é sempre violento. E, no entanto, reforçou a crença de que os portugueses não são racistas - e isso ainda está em suas mentes hoje. Isso também dificulta o combate ao racismo - que existe no país.

Voltar ao tópico da migração. O primeiro-ministro António Costa disse em várias ocasiões que queria simplificar a imigração para Portugal e fazer mais pela integração das pessoas no país. Como é esse concreto?

Por um lado, ficou mais fácil obter cidadania, por exemplo, através de programas especiais de vistos. Por outro lado, é dada grande importância à igualdade de tratamento. É importante para o governo português que imigrantes e habitantes locais tenham o mesmo acesso à saúde e sistema escolar que os habitantes locais. Após a pandemia de coroa, por exemplo, o governo concedeu a todos os estrangeiros que solicitaram uma autorização de residência ou asilo até 1º de julho. Uma exceção na Europa.

Entrevista: Sascha Lübbe